

santos, molhamento do paciente com saliva do exorcista.<sup>227</sup> São Cipriano teria sido o primeiro a preconizar as defumações com enxofre para intensificar a ação dos exorcismos.<sup>167</sup> No século XVI, o Padre Jerônimo Meng, no livro intitulado "Flagellum Doemonum", aprovado pelos seus superiores,<sup>100</sup> preconizou que, por ocasião dos exorcismos, os possessos também fossem submetidos à ação de pomadas, fumigações, caldos e decocções.<sup>99</sup> Recorreram-se às chamadas *plantas mágicas* que, na experiência das feiticeiras, se revelavam capazes de agir nas esferas da mente e do corpo.<sup>100</sup>

Para fumigações<sup>99</sup>, recomendavam-se a cubeba, a aristolóquia, o gengibre, o pimentão, o cardamomo, o cinamomo, a canela, a noz-moscada, o enxofre, o hiperiço, o benjoim, o aloés, a calamite, etc. Muitas misturas eram preparadas com nenúfares, eufórbio, saião, meimendo, mandrágora, heléboro, salsa, funcho, giesta, marroio, arruda, etc. Até o século XVII os sacerdotes recomendavam os remédios, só pedindo conselhos aos médicos se lhes aprouvesse.<sup>100</sup> Depois a Córte de Roma estabeleceu que os remédios só fossem preconizados pelos médicos.<sup>57</sup> No século XVI, o médico Jean Wier, na concepção de que os transtornos observados decorriam de causas naturais e o Diabo só agia sobre a imaginação dos homens,<sup>100</sup> estabeleceu que, para tratamento dos casos, comparecia o médico e só depois, se fosse conveniente, vinha o exorcista.<sup>100</sup> No mesmo século XVI, na orientação de Lucius, compareciam o sacerdote e só depois o médico, com remédios benzidos pelos religiosos.<sup>100</sup>

Conforme demonstram velhas pinturas de igrejas da Europa, analisadas por Charcot e Richer,<sup>48</sup> o posseso, ao receber o exorcismo, privado ou público, muitas vezes apresentava crises de agitação psicomotora.<sup>113</sup> Fazia trejeitos, dava saltos, assumia posições acrobáticas, rolava pelo solo, acusava convulsões.<sup>219</sup> Quando se tratava de exorcismos públicos, os movimentos convulsivos e outras manifestações muitas vezes se desencadeavam em diversas pessoas.<sup>219</sup> Instigado pelo exorcista, o Demônio, por intermédio do posseso, estabeleceria um colóquio, revelando o seu nome, recusando-se a abandonar a vítima, dirigindo expressões obscenas e ofensivas aos circunstantes, proferindo blasfêmias contra Deus e a Igreja, assumindo atitudes bizarras, às vezes lascivas ou coléricas.<sup>113</sup> Expressar-se-ia, muitas vezes, em idiomas desconhecidos do paciente, mormente em latim.<sup>113</sup> Diante do Sinal da Cruz, do crucifixo ou de relíquias de Santos, mostrava-se apavorado e esquivo.<sup>102</sup> Na informação de Bromberg,<sup>33</sup> os circunstantes, por meio da ventríloquia, às vezes faziam o público supor que o Demônio estivesse falando através do posseso. Na Idade Média, os ventríloquos eram repelidos do convívio social porque teriam relações com o Diabo.<sup>51</sup>

Consoante assinalou a iconografia da época,<sup>48</sup> o Diabo às vezes condescenderia em abandonar a vítima, saindo através do ápice da cabeça, da boca, das vias de excreção, ou de modo menos preciso, sem assumir formas definidas, ou sob os aspectos de fumaça, de gases, de fezes, de môsca, de morcêgo, de pequenos Demônios, etc. Dessa maneira, o posseso libertar-se-ia de um ou de vários Demônios.<sup>13</sup> No século XVI, o Doutor Gaspard Neubeck, bispo de Viena, por meio de exorcismo, teria expulso 12.652 Demônios, bem contados, do corpo da jovem Ana Schlutterbauer.<sup>13</sup> Muitas vezes, o Demônio se transferiria para outros homens ou animais. Em célebre episódio bíblico, quando Cristo curou um posseso, os Demônios se transferiram para uma vara de porcos, que se lançou ao mar.<sup>44</sup> O Demônio às vezes poderia transferir-se para o exorcista, que acusaria as manifestações até então ocorridas ao posseso.<sup>65</sup>

Na Idade Média e na Renascença, os exorcismos, não raro reduzidos à realização do Sinal da Cruz e à aspersão de água benta, eram feitos em homens, animais, bebidas, alimentos, objetos de uso doméstico, casas, localidades.<sup>99</sup> Nos dias de hoje, com a compressão do poder do Diabo,<sup>150</sup> os exorcismos deixaram de ser ministrados com a freqüência de outrora. Quando apenas existe uma doença mental, o exorcismo solene às vezes chega a agravar os transtornos psíquicos, consoante advertiu o Padre Joseph de Tonquédec:<sup>223</sup> "O exorcismo é uma cerimônia impressionante que pode agir poderosamente no inconsciente dos pacientes; os conjuros ao Demônio, as aspersões de água benta, a estola passada no pescoço do paciente, os repetidos Sinais da Cruz, etc., são bastante capazes de suscitar, no psiquismo já debilitado, a mitomania diabólica nas palavras e nas ações. Quando se chama o Diabo, ele será visto: não ele próprio, mas um retrato composto de acordo com as idéias que o doente faz a seu respeito".

Quanto mais a Medicina se afirmou como atividade capaz de prestar assistência no plano natural, tanto mais a Igreja se restringiu à assistência no setor espiritual, o verdadeiro setor da Igreja. Concílios realizados nos séculos XII e XIII limitaram e depois proibiram ao sacerdote a prática da medicina.<sup>29</sup> Na atualidade, o sacerdote, com os conhecimentos de Psiquiatria Pastoral,<sup>25</sup> reconhece como meros sintomas dependentes de estados mentais mórbidos as diversas manifestações dos pacientes. Aconselha que os pacientes sejam colocados aos cuidados dos psiquiatras e, se necessário, sejam internados em hospitais especializados. Embora o exame, o diagnóstico e o tratamento dos pacientes sejam da alçada do psiquiatra, o sacerdote contribui com dados anamnéticos para o melhor conhecimento dos casos,